

humanitas

Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



BREVES REFLEXÕES SOBRE O TEMA DA PHILIA EM AUTORES CONTEMPORÂNEOS

Quando preparava a minha dissertação de licenciatura sobre o *Lísis* de Platão¹, senti-me, a certo momento, atraído para o estudo do conceito de amizade na cultura grega², ao tomar consciência da perenidade do seu valor.

Ficou a germinar em mim a tentação de estender esse estudo a obras contemporâneas. Desse projecto, aqui apresento³ as minhas reflexões breves sobre o tratamento do tema em duas obras da literatura contemporânea, aliás muito diferentes uma da outra:

— *O Velho e o Mar*, de E. Hemingway.

— *Angústia para o Jantar*, de L. de Sttau Monteiro.

Nelas julgo encontrar, não uma hipotética influência directa da cultura grega, mas a permanência de valores morais e de conceitos éticos que, extrapolando o próprio tempo, se afirmam no dissecar de sentimentos idênticos, fundo psicológico comum da humanidade.

¹ *O Lísis de Platão*, Coimbra, 1975 (policopiada).

² Esse trabalho, de âmbito limitado, apareceu sob o título «O conceito de *φιλία* de Homero a Aristóteles», *Humanitas*, XXV-XXVI (1974). Ilustra o interesse do tema a tese de doutoramento que lhe é dedicada por Jean-Claude Fraisse, *Philia, La notion d'amitié dans la philosophie antique*, Paris, J. Vrin, 1974.

³ O texto foi inicialmente escrito para uma comunicação apresentada na Associação Portuguesa de Estudos Clássicos em Abril de 1976. Foi levemente remodelado e, quanto às notas, acrescentado.

A — O VELHO E O MAR, de E. Hemingway

Em *O Velho e o Mar*¹, o problema da amizade tem uma equacionação dupla:

Em primeiro lugar, o termo *amigo* tem um uso adjetivo, qualificando coisas que, na visão anímico-naturalista do velho marinheiro, constituem parte da sua própria existência:

- os peixes-voadores, seus dilectos amigos do oceano (p. 34);
- as tartarugas marinhas, de feias e estúpidas caretas (p. 42);
- o peixe que ainda não vira, seu descomunal adversário (p. 61);
- as estrelas, suas amigas distantes (p. 80);
- o mar (p. 126);
- a cama (p. 126);
- o vento (p. 126).

Ao contrário dos outros marinheiros, o velho encarava o mar como sua companhia. Os outros,

Falavam dele como de um antagonista, um lugar, até um inimigo. Mas o velho pensava no mar como feminino... (p. 35).

Na solidão do mar, diz o velho em voz alta:

Também o peixe é meu amigo... Nunca vi nem ouvi falar de um peixe assim. Mas tenho de o matar. Agrada-me pensar que não temos de matar as estrelas (pp. 80-81).

E, de novo:

O vento é nosso amigo, lá isso é, pensou. E depois, acrescentou, às vezes. E o mar largo com os nossos amigos e inimigos. E a cama. A cama é minha amiga (p. 126).

No fundo, para o velho marinheiro, *amigo* é tudo aquilo que constitui o seu *habitat*, o seu *oἶκος*, aquilo que frequentemente, num

¹ As citações são da tradução portuguesa de Jorge de Sena, editada por Livros do Brasil, Lisboa, 1956. O texto inglês confrontado, *The Old Man and the Sea*, é de Penguin Books, 1966. Agradeço a minha mulher ter-me chamado a atenção para o livro de Hemingway.

paralelo do valor possessivo do uso homérico do termo *φίλος*¹, constitui propriedade sua ou contribui para a sua conservação física, objectivo primeiro da *ἀρετή* do *ἀγαθός*².

Por outro lado, temos a relação do velho com o rapaz, para a qual, nem no original nem na tradução portuguesa de Jorge de Sena se usou o termo *amizade* ou *amigo*, dizendo-se somente algo como (p. 14):

*O velho ensinara o rapaz a pescar e o rapaz gostava muito dele*³.

Mas a obra é, na verdade, toda ela, a equacionação silenciosa, mas de um lirismo absorvente, da amizade entre ambos: amizade que parece ter nascido de uma relação pedagógica. O velho ensinara o rapaz a pescar logo aos cinco anos.

Agora, o rapaz está um homem:

Pagaste-me uma cerveja — disse o velho. — Já és um homem (p. 16).

Um homem, não pela idade, mas pela maturação da aprendizagem, pela capacidade de, com o esforço, retribuir o favor da educação.

Se, por um lado, a ênfase dada a esta amizade entre uma criança e uma pessoa mais idosa é já um elo de ligação com a cultura grega (e lembramos os exemplos de Fénix e Aquiles; Mentor e Telémaco; Sócrates e os seus discípulos), por outro lado estamos perante o con-

¹ Sobre o valor possessivo em Homero, poderão citar-se os artigos de H. J. KAKRIDIS, «La notion de l'amitié et de l'hospitalité chez Homère», apud RPh, 39 (1965), 305-306, e de A. ADKINS, «Friendship and Self-Sufficiency in Homer and Aristotle», CQ. n.s. 13 (1963), 32. Em *O Velho e o Mar*, a necessidade de matar é, de facto, necessidade de conservar a própria integridade física, dependente dos hábitos alimentares (cf. p. 81: «A quantas pessoas dará de comer?»). Além do mais, a expressão usada pelo velho com mais frequência é «tenho de o matar». Por isso, congratula-se por não ter de matar as estrelas, a lua e o sol (p. 81).

² Com toda a consciência que o conhecimento do destino lhe dá, é em nome da amizade por Pátroclo que, no canto XVIII da *Iliada*, Aquiles renuncia à defesa da sua integridade física, e, entrando na luta, sabe que a morte o espreita a breve trecho.

³ «The old man had taught the boy to fish, and the boy loved him» (*The Old Man and the Sea*, p. 6).

ceito da utilidade da amizade, tão profundamente discutido no *Lísis* ¹. Ocorrem ainda dois outros conceitos clássicos: a relação *eros-paideia*, e a visão da amizade como esteio da *ἀρετή* do *ἀγαθός*, quando chegado ao estado de aporia ².

O que sublima a relação entre o velho e o rapaz é, com efeito, da parte deste, a completa aceitação do velho, das suas fraquezas, da sua experiência e das suas inocentes mentiras; da parte do velho, a humilde confissão da sua debilidade senil, a aceitação da ajuda que o rapaz materializa, sem criar susceptibilidade, pela oferta das iscas frescas e da ceia no dia anterior à grande aventura do velho no mar, e pelo transporte dos apetrechos no próprio dia da pesca.

Durante a longa luta com o peixe descomunal, repetidas vezes (pp. 56, 62, 64), o velho, cansado e ferido, lamenta a ausência do rapaz:

Quem me dera aqui o rapaz!

Mas o rapaz fora proibido pela família de acompanhar o velho.

Quando a grande aventura findou, com o sono do velho na cabana e o esquite ancorado na areia da praia onde a longa espinha dorsal do grande peixe alveja no areal como vela fantasmagórica, o rapaz apresenta-se na choupana com o café reconfortante, a oferecer, de novo, a sua companhia na pesca, ainda que contra as ordens paternas. O velho não aceita imediatamente, pretextando a sua pouca sorte, sobejamente ilustrada pelo único troféu que, da pesca miraculosa, os tubarões lhe haviam deixado — a enorme espinha dorsal do grande peixe. Mas depressa se deixa convencer pelas palavras do rapaz (p. 132):

Mas havemos de pescar juntos, que eu ainda tenho muito que aprender! ³

¹ Introduzido na conversa inicial entre Sócrates e Lísis (207-210d), onde se conclui que a utilidade é condição *sine qua non* da *φιλία*, e se faz dela pressuposto para a subsequente definição do conceito. Confirma-o a rápida exclusão da possibilidade de um *mau* ser amigo, por nenhuma utilidade ter (214d-e).

² A aporia refere-se sobretudo à incapacidade física. É sugestivo o paralelo com o estado de aporia de Prometeu, em Ésquilo, e de Anfitrião, no *Hércules* de Eurípidés. Se nestes exemplos há algo de comum — a incapacidade física, *O Velho e o Mar* distingue-se pela sobrevivência de um atributo do *ἀγαθός*, a incapacidade intelectual, no caso, capacidade de ensinar.

³ Numa aproximação talvez um pouco ousada, poderíamos estabelecer paralelo com *Lísis*, 221d, *sqq.*, onde se põem, como causa da amizade, as noções

A imagem final da narrativa é de um optimismo sereno e forte. À cena em que o casal de turistas — que só tem olhos para a paisagem, não para a humanidade — contempla a longa espinha dorsal do enorme peixe, opõe-se a imagem final do interior da cabana:

Ao cimo da estrada, na sua cabana, o velho adormecera outra vez. Ainda dormia de bruços, e o rapaz estava sentado ao pé dele, a observá-lo. O velho estava a sonhar com os leões (p. 134).

Assim termina a narrativa, estruturalmente paralela à do *Lísis*: um núcleo dramático inserido entre uma imagem inicial e uma imagem final. No *Lísis*, à imagem inicial de Lísis e Menéxeno, sentando-se juntos, na candura da sua amizade (207b), sucede um núcleo dramático dialogado, a tentativa de definição do conceito de amizade (207c-222e), e o fecho, constituído pela sugerida visão final de Lísis e Menéxeno, a caminho de casa, novamente juntos, provando, assim, que, apesar da incapacidade de definição do conceito, a amizade existe realmente¹.

Em *O Velho e o Mar* temos, como imagem inicial, o diálogo entre o velho e o moço, apresentados como dois grandes amigos. Segue-se a dramática pescaria solitária, cortada por monólogos, que mais acentua, na lembrança constante do rapaz ausente, a afeição que os une. O fecho é constituído pela cena final, em que o jovem Santiago reafirma a sua amizade pelo ancião, dispondo-se mesmo a transgredir as ordens paternas para poderem pescar juntos.

Num plano simbólico, *O Velho e o Mar* tem a mesma estrutura: no início, o velho sonha com os leões, reminiscência da sua juventude e, por provável mecanismo de identificação, símbolo do seu amor ao jovem Santiago². A meio da luta esgotante, lamenta não ter o rapaz

de *ἐπιθυμία* e de *ἐνδεια*. «Ainda tenho muito que aprender» seria, pois, simultaneamente, a consciência da limitação (*ἐνδεια*) ou, à maneira socrática, a humildade intelectual necessária ao processo de conhecimento e aprendizagem daquilo que se reconhece desconhecer, mas que se deseja conhecer (*ἐπιθυμία*), e que, por isso, se ama (*φιλία*).

¹ Assim se destrói a aporia final (incapacidade de definir o conceito de amizade) que concordo ser apenas questão de forma e de método. Sobre o assunto *vide* P. SHOREY, «Plato's Thought», in G. VLASTOS, *Plato*, t. II, London, 1972, pp. 13-17, e ainda A. E. TAYLOR, *Plato, The Man and his Work*, London, 1971, p. 73.

² *The Old Man and the Sea*, p. 20: «...he loved them as he loved the boy. He never dreamed about the boy...».

com ele e aspira ao descanso, para sonhar com os leões (*vide* pp. 71 e 86). No final, enquanto o rapaz vela, o velho sonha com os leões.

Um outro elemento aproxima esteticamente uma obra da outra: a ironia. Em *O Velho e o Mar*, do peixe descomunal fica, tão-só, o esqueleto. Por ironia do destino.

Também Sócrates, no final do *Lísis*, criando, para a «barbaridade» dos turistas de *O Velho e o Mar*, um paralelo na dos pedagogos que escoltam Lísis e Menéxeno, comenta na sua típica ironia (223b):

Acabamos, Lísis e Menéxeno, de nos tornar ridículos: tanto eu, que já sou um homem de idade, como vós. Pelo caminho, esses irão dizer que nós, que nos julgávamos amigos uns dos outros, e eu me ponho a vosso lado, não fomos capazes de descobrir o que era a amizade.

B — ANGÚSTIA PARA O JANTAR, de L. de Sttau Monteiro

Em *Angústia para o Jantar*¹, apresenta-nos o autor, com uma capacidade de introspecção inusitada na literatura portuguesa, o problema das relações entre Gonçalo e António: relações que duram há mais de trinta anos, e que há mais de trinta anos se testemunham, todos os meses, nos jantares dos dias 15, no *Leão d'Ouro*.

Na cena inicial, porém, logo se regista o azedume que, nos últimos dez anos, lentamente vem corroendo essas relações. A amizade entre ambos nascera de um acto de protecção de Gonçalo a António, nos tempos do Liceu, mas a angústia existencial de António, a sua ânsia de um sentido para a vida, que lhe desculpasse a mediania, começara, lentamente, a envenenar essa amizade. É que Gonçalo fora bem sucedido na vida, e, como se acentua, era um *amigo* no sentido activo do termo. Um amigo capaz de socorrer quando necessário, mas que jamais necessitaria de ser socorrido. No fundo, Gonçalo era a figura típica do *padrinho* da mentalidade latina, o padrinho todo-poderoso e filantropo. E António, em situação de intransponível inferioridade, sentia-se complexado. Problema delicado, este da amizade entre

¹ Edições Ática, Lisboa, 71973.

peçoas de condição diferente, mas problema já dramatizado por Eurípides¹, e discutido na *Ética a Nicómaco* de Aristóteles².

De maquinação em maquinação, António descobre que o acto de protecção não fora um acto de amizade, mas somente uma autocrática afirmação de capacidade de ajudar, de autoconfiança e de satisfação pessoal.

Aí nasce o vírus que afecta a amizade dos condiscípulos de outrora. Para António, Gonçalo transforma-se em símbolo odiado da *classe em que tudo acaba sempre bem*, por oposição à sua, a *classe em que tudo acaba mal* (p. 12).

É claro o azedume das seguintes palavras de António (p. 14):

— *Para que diabo vens tu jantar comigo todos os meses e conservas esta farsa que é a nossa amizade?*

E responde Gonçalo:

— *Venho jantar contigo por uma questão de hábito e mais nada* (p. 17).

Na solidão do seu quarto, depois deste diálogo, António remói o seu ódio a Gonçalo, transformado em símbolo de classe:

— *Ninguém deve odiar, mas eu odeio-o. A ele e a todos os tipos como ele* (p. 21).

E, todavia, continuam a encontrar-se todos os dias 15. Talvez porque, entre as frias paredes do seu quarto de pensão barata, à espera

¹ Graças à superioridade em que se encontra, no *Orestes*, Menelau despreza a verdadeira amizade, guiando-se por razões de puro interesseirismo. «Tomaste os sentimentos dos Bárbaros, por teres vivido muito tempo com eles», diz-lhe Orestes no v. 485. Na *Ifigénia em Áulide*, vv. 344 *sqq.*, em longa tirada ao gosto da época, Menelau (e não interessa aqui o contraditório do tratamento da personagem) expõe a questão perante Agaménon. Vejamos os vv. 345-348:

«*Não deve um homem de tèmpera
lá porque ascendeu a grandes cargos, seus costumes mudar
mas até deve ser então muito mais fiel aos amigos
agora que, na prosperidade, mais possível lhe é ajudá-los.*»

(A tradução é de C. A. PAIS DE ALMEIDA, *Eurípides, Ifigénia em Áulide*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1974.)

² *E.N.* 1163a24-1163b28. Logo de início a desigualdade é apontada como causa frequente de rompimento da amizade.

da morte que não tarda, ainda António vislumbra pálida consolação: a coroa de flores que, tem a certeza, Gonçalo lhe enviará.

A narrativa constrói-se sobre esta monstruosa ambiguidade (amizade / inimizade; correspondência / não-correspondência)¹, ambiguidade tão artisticamente realçada por Sócrates em conversa com Menéxeno².

A necessidade de correspondência é bem sentida por Alexandra que se movimenta intimamente ansiosa de ternura (cf. pp. 33 e 36): para ela, a solidão desesperada dos domingos que o amante dedica à mulher legítima, leva-a a encontrar em António, primeiro, talvez o objecto para a vingança típica das mulheres da sua condição (*vide* pp. 46-47), depois, a quimérica ilusão, para a qual o álcool não deixa de contribuir, feita do vago misticismo de se estar a entregar ao primeiro homem (cf. pp. 60-61) e do fingimento de estar a entregar-se pela primeira vez (p. 59). Mas, desfeitas as ilusões, António é posto na rua antes de ter tomado o pequeno almoço.

Depois da sua destruição psicológica no *Leão d'Ouro*, testemunhada pelo filho de Gonçalo, mais não resta a António que morrer e ser enterado com a coroa de flores que o amigo lhe envia.

Mas não morrem com ele os encontros dos dias 15.

Quando Gonçalo se dirige ao *Leão d'Ouro*, para o jantar que um desconhecido lhe marcara pelo telefone, realiza-se a única hipótese que não previra: o seu filho Pedro, testemunha da destruição moral e física de António, ali estava, a mostrar-lhe que, afinal, não fora em vão a luta, azeda e destruidora, entre os dois velhos amigos.

O sacrifício de António, a sua vida, a sua procura angustiada, não haviam ficado sem sentido.

Pedro, sem nunca se ter dito amigo de António, prontifica-se a ocupar o lugar deste, mas agora no pedestal de vencedor, como que salvaguardando o sentido da vida de António³.

¹ Sttau Monteiro usa as palavras *amizade* e *amigo* mais de centena e meia de vezes, com cambiantes tão diversas como as que estamos a entrever.

² *Lísis*, 212a-213c. Notar também 222a. No caso presente, retemos somente a ambiguidade no campo sentimental. As ambiguidades lexicais do termo grego *φίλος* são bem assinalados por P. FRIEDLÄNDER, *Plato*, t. II, *The Dialogues*, First Period, Translated from the German by H. Meyerhoff, New York, 1964, p. 95.

³ As motivações que o levam a assumir a posição de termo activo poderiam analisar-se sob várias perspectivas e encontrar explicações várias. Quero somente observar que a atitude, externamente desinteressada, se transforma em afirmação

Por sua vez, Gonçalo é posto novamente perante a ambiguidade do conceito de amizade. Ali tem ele, inesperadamente, o desafio do filho.

É o que Pedro faz sentir, com a sugestiva referência final à marca de *whisky* que António havia tomado por outra bebida, e que simboliza a abertura das hostilidades (p. 241):

— *Querem whisky? Gostam de Logan's?*¹

Concluindo, cabe-nos assinalar que, em estádios civilizacionais tão diferentes e num salto de mais de vinte séculos, o termo *amizade*, e especificamente a palavra portuguesa *amigo*, continuam, na perpetuidade da sua abertura a várias leituras, a servir de suporte ao discurso literário.

Essa plurissignificação engloba várias das cambiantes que na Cultura Grega se notam. A saber:

— A noção da utilidade da amizade, quer como base da relação pedagógica, quer como esteio da *ἀρετή*.

— A sugestão dos perigos que uma situação de desigualdade pode trazer a qualquer amizade.

— A ambiguidade inerente ao próprio termo *amigo*, usado para indicar uma relação protector/protegido (sentido activo e sentido passivo); sugerindo a necessidade psicológica de contrapartida, para se evitar que a protecção se transforme em opressão e a amizade em ódio; com a ideia de posse ou qualificativo dos objectos do *habitat* do homem; como simples relação de clientela ou força unificadora de um grupo social mais ou menos restrito (a *malta*, que Sttau Monteiro tão bem caracteriza nas pp. 48-50, e que, no caso mais frequente, se cimenta na camaradagem do trabalho ou no convívio no mesmo café).

O próprio conceito de amizade mantém todo o seu lirismo, toda a sua força inspiradora, norteando, com frequência, a conduta individual e comunitária.

FRANCISCO OLIVEIRA

de personalidade atingida pela necessidade de afirmar que não seria a próxima vítima da forte personalidade paterna.

¹ Símbolo das hostilidades e da posição de igualdade em que a luta se vai travar: Pedro não pode ser enfrentado com o mesmo tipo de armas, pois também é da classe dos bebedores de Logan's. Por outro lado, e dentro do contexto do discurso literário, Pedro transmite a firme determinação de vencer.